

## 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

### GT 4 – Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura

*Podemos: a relação entre partido e movimento e entre liderança e protagonismo*

Rosemary Segurado<sup>1</sup> (PUC/SP e FESPSP)

Natasha Bachini<sup>2</sup> (IESP-UERJ e PUC-SP)

Tathiana Chicarino<sup>3</sup> (PUC/SP e FESPSP)

---

<sup>1</sup> roseseg@uol.com.br

<sup>2</sup> natashabachini@hotmail.com

<sup>3</sup> tathianasennechicarino@yahoo.com.br

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre a apropriação das tecnologias digitais e as práticas políticas emergentes a partir do estudo do partido-movimento Podemos da Espanha. Tendo em vista os questionamentos colocados às formas de liderança tradicionais, desenvolvemos nossa análise a partir das 06 (seis) entrevistas realizadas com integrantes do Podemos e aos registros de observação realizados na sede do partido em Madrid, buscando a articulação entre os diferentes tipos de liderança observados na organização com as teorias que interpretam os movimentos sociais contemporâneos. Para além do uso da internet como ferramenta de organização e mobilização política, constatamos uma relação dialética entre a lógica de funcionamento das tecnologias digitais, em especial no que se refere a isonomia e a horizontalidade da comunicação por essa propiciada, com a organização descentralizada e o exercício concomitante do que denominamos como multiliderança e liderança em rede que estruturam o Podemos. O exercício da liderança típico do intelectual orgânico, desencadeia a criação de espaços de autonomia e a produção do comum, dando origem a novos tipos de líderes, que almejam, entre outras coisas, a elaboração de uma política que combine democracia representativa com democracia participativa. Por fim, observamos que as transformações no ativismo político e na organização partidária verificados, fazem parte de um processo que está em curso, cujos desdobramentos efetivos se verificarão ao longo das próximas décadas.

**Palavras-chaves:** liderança política, protagonismo, partido-movimento

Essa proposta de comunicação apresentará parte dos resultados oriundos do projeto temático da Fapesp 12/50987-3 “Lideranças políticas no Brasil: características e questões institucionais”, desenvolvido pelos pesquisadores do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC/SP).

Tendo em vista os questionamentos colocados às formas de liderança tradicionais pelos movimentos sociais contemporâneos, que possuem dentre suas principais características a organização em rede, objetivamos compreender a apropriação das tecnologias digitais e as práticas políticas a partir do estudo do Partido Podemos da Espanha.

Para tanto, articularemos os referenciais teóricos à análise de 06 (seis) entrevistas feitas com integrantes do Podemos e aos registros de observação realizados na sede do partido em Madrid. Consideramos, assim, que ambas as fontes empíricas nos fornecem elementos significativos para o entendimento das práticas políticas levadas a cabo pelos ativistas (membros) do partido, especialmente no que tange à concepção de liderança política.

As entrevistas, qualitativas de roteiro semiestruturado, foram realizadas no mês de junho de 2015 também na sede do Podemos de Madrid, com os seguintes ativistas:

- 1) Iñigo Errejón, cientista político, secretário de Política e Área de Estratégia e Campanha. Considerado o segundo líder mais importante do partido.
- 2) Juan Carlos Monedero, cientista político, ex-secretário de Proceso Constituyente y Programa, considerado o terceiro líder mais importante do partido.
- 3) Ariel Jerez, cientista político, membro do Conselho Cidadão, professor da Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid.
- 4) Nagua Alba, psicóloga, candidata ao parlamento nas próximas eleições e responsável pela comunicação em rede digitais.
- 5) Jesus Molina, jornalista, responsável pela comunicação com os grandes meios de comunicação.

- 6) José Manuel Lopes, agrônomo, porta-voz do partido na Assembleia de Madrid.

### **Caracterização do 15M e do Podemos**

O Podemos é um partido político de formação recente. Este emergiu como um dos desdobramentos do movimento espanhol 15M, conhecido também por Indignados. Porém, para compreender sua emergência e características, é fundamental voltar à história e observar que ambas as ações coletivas são resultantes de um processo mais amplo de reconfiguração do ativismo político internacional.

Desde os protestos de Seattle em 1999, observa-se a organização do movimento antiglobalização como resposta a expansão capitalista e a teoria de que “there is no alternative” de Thatcher, que se difundia após a queda do muro de Berlim.

Esse movimento, que aglutina redes e movimentos sociais diversos, apresenta novas formas de mobilização política se comparados aos movimentos sociais conhecidos até então. As principais delas são: i) a emergência de repertórios (TILLY, 1978 e MCADAM, 1983) de ação coletiva internacionais e transnacionais de caráter espetacular; ii) sua heterogeneidade, tanto no que se refere a diversidade de lutas que incorpora quanto a união de diferentes setores da esquerda; iii) o uso de tecnologias de informação e comunicação alternativas ao *mass media*; sua organização horizontalizada e em forma de rede, negando a lógica da representação e do centralismo; vi) uma *conexão glocal*, cuja proposta é pensar globalmente e agir localmente, tendo-se em vista que a maioria dos conflitos locais são oriundos do processo de globalização neoliberal; vii) a radicalidade reivindicativa frente a farsa da infalibilidade do sistema econômico capitalista. (BRINGEL e ECHART, 2010).

Hardt e Negri(2014) ao analisarem esse ciclo de mobilizações políticas ocorridas a partir de 2011 apontam para algumas características com desses movimentos:

Esses movimentos compartilham diversas características; a mais óbvia é a estratégia de acampamento ou ocupação. Há uma década, os movimentos por uma globalização alternativa eram nômades. Migravam de uma reunião de cúpula para outra, diversas instituições-chave do sistema de poder global: a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário

Internacional, o Banco Mundial e os líderes nacionais do G8, entre outras. O ciclo de lutas iniciado em 2011, em contraste é sedentário. Em vez de perambular de acordo com o calendário das reuniões de cúpula, esses movimentos permanecem num lugar e, em verdade, recusam-se a se mover. Até certo ponto, a imobilidade deve-se ao fato de que estão profundamente enraizados nas questões sociais locais de nacionais(HARDT; NEGRI, 2014:13-14).

Expressão importante que deu origem a esse processo é o Fórum Social Mundial, cuja primeira edição ocorreu no ano de 2001 em Porto Alegre. O Fórum é um espaço de debates e articulação de propostas dos movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se reúnem anualmente para discutir estratégias de enfrentamento dos impactos das políticas neoliberais sofridos pela população global.

O Fórum tem sido fundamental ao debate, à reflexão e, principalmente, à conexão dos movimentos sociais que buscam alternativas às práticas políticas do atual processo de globalização comandado por grandes corporações, governos e instituições nacionais e internacionais, ligadas ao capital financeiro. O chamado núcleo promotor do Podemos participava das atividades do Fórum Social Mundial, levou o debate para a Espanha, atuando em movimentos que impulsionaram os protestos conhecidos como 15M.

O Movimento 15M surgiu em maio de 2011 por meio do grupo do Facebook “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã”, no qual os cidadãos espanhóis discutiam a crise econômica que ainda avassala o país.

Nesses debates os participantes manifestavam sua indignação a respeito da falta de democracia real na Espanha. Para eles, os partidos políticos, ao realizarem cortes orçamentários nas áreas da saúde, educação e serviços sociais não representavam os interesses dos cidadãos.

Em consonância com as revoluções árabes (2011), os manifestantes decidiram ir às ruas. No dia 15 de maio (15M), dezenas de milhares de pessoas tomaram as ruas de diversas cidades espanholas e acamparam na *Puerta del Sol*, praça simbólica da cidade de Madri, discutindo o significado de democracia real.

Posteriormente, o movimento decidiu descentralizar a ocupação e passou a organizar assembleias nos bairros, discutindo com os moradores e

compartilhando problemas locais e gerais do país. Dessa forma, mantiveram um clima de debate e mobilização que, entre outros grupos, em 2012 deu origem a Asociación Democracia Real Ya, e em 2013 ao movimento Podemos.

A partir do segundo semestre de 2013, o movimento Podemos se articulou em diversas localidades para debater a proposta de criação do partido. Nesse processo, constituíram-se espaços de debate e de organização política, conhecidos como “círculos Podemos”, contando com a participação de aproximadamente trezentos coletivos de debates com estreita ligação às redes do 15M.

Cabe destacar que esses coletivos são por parcela significativa de por jovens universitários, segmento amplamente afetado pelas políticas de austeridade financeira, adotadas a partir da crise econômica global de 2008, e que vivencia os maiores índices de desemprego, aproximadamente 50%, enquanto a população geral apresenta 23%.

Em janeiro de 2014 o grupo promotor do Podemos lançou na internet o manifesto intitulado *Mover a Ficha* propondo o desafio de se conseguir 50.000 assinaturas de apoio ao lançamento de uma candidatura ao parlamento europeu em defesa da cidadania. Em poucas horas já registravam expressivo apoio, maior que o número esperado e a partir desse momento se verificou um salto na proposta de constituição do partido.

En las próximas elecciones al Parlamento Europeo es necesario que haya una candidatura que se ofrezca a la ola de indignación popular que asombró al mundo. Nos alegramos del avance de las fuerzas de la izquierda, pero somos conscientes de la necesidad de hacer algo más para poner en marcha los cambios que necesitamos. Es tiempo de valentía y de no dejar que se cierre la ventana de oportunidad que el compromiso de tanta buena gente há abierto. Necesitamos una candidatura unitaria y de ruptura, encabezada por personas que expresen nuevas formas de relacionarse con la política y que suponga una amenaza real para el régimen bipartidista del PP y del PSOE y para quienes han secuestrado nuestra democracia. Una candidatura que sume a la capacidad de gestión de lo público, la capacidad de involucrar a las mayorías en la configuración de su propio futuro. Una candidatura que dé respuesta a esa juventud a la que se invita a abandonar otra vez el país, a unos trabajadores que ven mermados día a día sus derechos, unas mujeres que tienen que volver a reclamar lo obvio, unas personas mayores a las que parece no haberles bastado luchar y trabajar toda una vida. Una candidatura que avance desde los espacios ya logrados y que logre avanzar más allá de la parálisis actual. Una candidatura que mueva ficha para

convertir el pesimismo en optimismo y el descontento en voluntad popular de cambio y apertura democrática<sup>4</sup>.

Em entrevista, Errejón avalia as três datas cruciais para a criação de Podemos a partir do

15/05/2011, o início de uma mobilização social transversal, fora dos sindicatos, dos partidos políticos, das organizações e inclusive dos discursos tradicionais, que não são capazes de mudar os equilíbrios de poder no interior do Estado, mas que faz mudanças substanciais no sentido comum e constrói uma agenda nova que coloca boa parte das elites políticas e econômicas na defensiva.

25/05/2014: Surgimento de Podemos nas eleições parlamentares europeias foi um surgimento modesto, 1 milhão e 250 mil votos, 8%, mas um surgimento que desloca todo sistema de partidos e que desde então não parou de crescer toda vez que abrem as urnas. Colocou os “que mandam”, ainda “mandam” na defensiva.

13/06/2015: as principais cidades da Espanha estão nas mãos de forças políticas de mudança, entre elas as que Podemos apostou dizendo que nas municipais haveria que articular coalizações amplas que não significaram a soma siglas de diferentes esquerdas, senão ferramentas políticas a serviço de uma vontade de mudança que serviam a cidadãos muito diferentes. Alguns que votavam em partidos tradicionais, outras que se abstinham. Certamente a mudança não é igual em toda Espanha. Não avança na mesma velocidade. Como aconteceu historicamente no século XX na Espanha. A mudança abre caminho primeiramente nas grandes cidades. Isso é uma constante na história do país. Os grandes ciclos de mudanças começam nas grandes cidades e depois nas províncias com menos densidade populacional. É uma dinâmica habitual na nossa história (ERREJON, 2015)

O Podemos surge, portanto, em um contexto de crise econômica e política. A crise no modelo de representação, associada ao elevado índice de desemprego, resulta em um novo modelo de ativismo, que busca novas formas de lideranças que sejam capazes de ampliar a participação popular e garantir o cumprimento dos interesses da população na esfera institucional.

### **Partido/movimento – Processo destituente-constituente**

Em artigo recente, o sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2015)<sup>5</sup> analisa a emergência e institucionalização do Podemos, definindo-o como partido-movimento ou um movimento do partido a partir de algumas características, ou ideias organizadoras, que detalharemos a seguir.

---

<sup>4</sup> Cf. <http://tratarde.org/wp-content/uploads/2014/01/Manifiesto-Mover-Ficha-enero-de-2014.pdf>

<sup>5</sup> Cf. <https://www.opendemocracy.net/boaventura-de-sousa-santos/podemos-wave> Acesso em 17 set. 2015

A utilização da internet como uma forma de interação social em potencial, ou seja, aberta a um devir da práxis política, bem como a priorização absoluta da transparência e da prestação de contas, entendendo que a classe política, que é apenas uma condição temporária, deve ser entendida como um serviço voltado para o público, e não para os interesses das grandes corporações.

Outra característica integrante do Podemos destacada por Boaventura (2015) e que já foi largamente diagnosticada na conjuntura das atuais democracias ocidentais, é a de que as pessoas estão enfasiadas com a política, mas não qualquer política, sim a que está posta.

Entendemos que esse diagnóstico se insere em um das questões-chave para a compreensão do Podemos, qual seja, a existência de estratégias de atuação baseadas na complementação entre os procedimentos da democracia representativa e da democracia participativa.

E é nesse sentido que a reflexão de Ramos Pérez (2015) vai se orientar, pois, questionando a associação exclusiva entre a representação e democracia representativa, e com base na perspectiva de Michel Saward, busca compreender a prática da representação de forma ampliada, tanto no que tange à forma, quanto ao exercício da representação, especialmente se considerando o contexto de inserção do Podemos: de reconstrução da democracia espanhola; e por onde atua: na democratização dos partidos políticos como instituições de mediação representativa.

Ramos Pérez (2015, p. 04) vai utilizar as seguintes categorias estabelecidas por Saward, que por apresentarem intercambialidade, o ajudam a manter um distanciamento tanto conceitual, quanto empírico da dicotomia participação e representação: i) Representação política não necessariamente democrática; ii) Representação democrática como um conjunto diversificado de práticas políticas; iii) Democracia representativa como referentes às instituições representativas clássicas.

Para o Podemos a questão da representação giraria em torno de dar vazão às demandas existentes (item iii), e também de gerar formas inclusivas para essa prática, ou seja, aproximando a participação da representação (item ii). Segundo o autor, portanto, o Podemos buscou não apenas considerar as categorias políticas pré-existentes, mas também aquelas que foram redefinidas

em uma dinâmica simbólica popular, ou o que Hayat, segundo o próprio Ramos Pérez (2015), diz ser “inclusión por subjetivación” baseada em que “quién va a ser representado no puede ser definido a priori y que la representación inclusiva participa de la creación de las identidades sociales a incluir” (Hayat, 2013, p.118 *apud* Ramos Pérez, 2015).

A busca pela “inclusão por subjetivação” no Podemos, segundo Pérez, se dá por meio de duas estratégias: a comunicação e a liderança, e esta última procura representar um sujeito que vem sendo construído em novas bases, com novos recursos. Quanto a isso, o perigo da verticalização das práticas é crível, contudo, Ramos Pérez (2005) diz que o Podemos é o partido político espanhol mais democrático na atualidade, e que por conta de seu “método participativo” estaria inaugurando um “ecossistema participativo extremamente complexo” ao buscar a convivência de tendências mais centralizadoras com as formas participativas vindas da pluralidade de espaço aos quais mantém vínculos, como descrevemos acima.

Voltando à definição de Boaventura (2015) do Podemos como sendo um partido-movimento ou um movimento do partido, nos parece que as duas balizas do “ecossistema participativo complexo” – utilização dos mecanismos institucionais centralizadores combinadas a uma participação horizontal, deliberativa, vai nesse sentido, à medida que se verifica a manutenção da dinâmica de um movimento social, o ativismo social e a organização em rede, conforme se observa nas redes digitais, valorizando a horizontalidade e os processos colaborativos.

Contudo, e a despeito de o ativismo político ser extremamente importante – e essa é outra ideia organizadora do Podemos ressaltada por Boaventura (2015) – a política não se sustenta apenas pelos considerados “politicamente ativos”, mas também pelo cidadão comum, assim, a institucionalidade da política requer instrumentos próprios que a dispute.

Nesse sentido diz Monedero:

O movimento dos Indignados, o 15M atuou como um processo destituente que impugna o modelo existente e sua legitimidade, mas tinha muitas dificuldades para e converter em um movimento constituinte. Para isso fazia falta a criação de instrumentos com capacidade de desafiar o sistema político. Passados três anos, quando a crise se agrava e os protestos sociais não conseguem

transformações, somente nas mudanças de consciência. Decidimos transformar essa mudança social em mudança política. Tentamos converter a indignação social em indignação política. Tentamos colocar em movimento depois da face destituente uma face constituinte e criamos Podemos (MONEDERO).

Portanto, o partido Podemos, tendo como objetivo principal, segundo seus membros, a dinamização do sistema político espanhol face ao esgotamento na capacidade de interlocução e articulação dos cidadãos vai instrumentalizar um dos princípios base de um processo constituinte, segundo Hardt e Negri (2014, p. 16), e que já está na constituição de diversos movimentos sociais, a rejeição à representação política tradicional e a construção de esquemas de participação democrática.

Para os autores, vivemos uma crise que é não apenas econômica, social e política, mas também constitucional:

Como as pessoas poderiam se associar intimamente em torno do comum e participar diretamente da tomada de decisão democrática? Como a multidão poderia se tornar governante das instituições do comum de maneira que reinventasse e concretizasse a democracia? Essa é a tarefa de um processo constituinte (HARDT; NEGRI, 2014, p. 65).

E esse poder constituinte pode ser entendido como uma força ilimitada, transformadora, revolucionária (NEGRI, 1993), portanto, tem uma potência criadora, algo que Boaventura (2015) também identificou na composição do Podemos tanto como inovação política, quanto como expressão de um inconformismo especialmente diante do “sequestro” da democracia representativa, que idealmente deveria contemplar interesses distintos, à vontade do capital.

Corroborando com essa reflexão e reafirmando a análise de Monedero sobre a passagem de um processo destituente para um processo constituinte, Iñigo Errejón vai compreender as eleições europeias como um marco fundamental para o surgimento do partido. De uma indignação social (dada por uma centelha) para uma indignação política, ou de uma mudança social para uma mudança política, o Podemos busca instrumentalizar aquilo que Castells (2013, p. 157) identificou nos movimentos sociais contemporâneos: o fato de serem uma alavanca da mudança social.

Ainda cabe considerar que essa instrumentalização, a partir da configuração de um partido político que não se determina por sua função, mas não de uma forma apenas procedimental, identificando na prática seus princípios geradores (CASTELLS, 2013, p. 176).

### **A política em rede**

Para analisarmos as transformações que estão em curso na configuração dos movimentos sociais e políticos contemporâneos, é fundamental compreendermos a atuação política em rede proporcionada e impulsionada pela internet. Nesse sentido, as práticas políticas do partido-movimento Podemos contribuem significativamente para uma melhor compreensão desse processo.

O uso dos dispositivos midiáticos desempenha papel central nas estratégias de articulação política do Podemos. O grupo articulador do partido, conhecido como grupo promotor, adotou como estratégia a ocupação de diversos espaços para a discussão política, principalmente os midiáticos.

Uma das iniciativas do grupo para ampliar a sua capacidade de se comunicar com a população foi a organização do programa de TV La Tuerka, da Producciones Con Mano Izquierda (CMI), que atualmente é transmitido apenas pela internet.

La Tuerka é um programa de debates, criado pela equipe composta por parte do grupo formador de Podemos, a chamada Fundação Promotora de Pensamento Crítico. A Fundação se configura como uma alternativa ao conteúdo veiculado pela grande imprensa, por meio do qual a proposta do Podemos ganhou visibilidade e os seus próprios membros descobriram novas formas de organização política.

A Fundação Promotora de Pensamento Crítico foi fundamental. Tivemos uma dinâmica de colaboração no nível acadêmico-político que fazia com que colocássemos todas as nossas preocupações, nossas linhas de pesquisa que tinham elementos compartilhados, que para ter basicamente um diagnóstico histórico e crítico da transição e da nossa história recente e, por outro lado, uma perspectiva também crítica de como havia mexido em determinadas experiências de comunicação que como grupo de trabalho universitário a colocávamos nos formatos que manejávamos na universidade (JEREZ, 2015).

La Tuerka é apresentado por Iglesias e Monedero, protagonistas do partido, e lhes garante grande visibilidade. Transmitido em quatro edições semanais de 90 minutos, o programa traz convidados para debaterem questões importantes à renovação da vida política espanhola.

O protagonismo político de Pablo Iglesias e sua performance midiática fez com que ele passasse a ser figura presente também em grandes canais de TV, participando de debates com outros políticos, ampliando ainda mais a presença do novo partido e despertando interesse de cidadãos que se encontravam distanciados da política, por não se sentirem representados nas posições político-partidárias tradicionais, e, principalmente, rompendo a polarização entre os maiores partidos espanhóis, a saber: PP (Partido Popular), atualmente no poder central, e PSOE (Partido Socialista Espanhol).

Nesse sentido, observamos a influência dos fenômenos digitais na agenda política, de modo que essas lideranças, de um partido de esquerda em formação, que normalmente possuem pouco ou nenhum espaço nos grandes meios, por meio da internet, disseminaram suas ideias e conquistaram tamanha popularidade, forçando esses meios a lhes convidarem para o debate público.

Todavia seja notável a presença midiática de Iglesias, a discussão a respeito de sua liderança na página do Podemos não expressa um processo de personalização, como ocorre nos partidos políticos tradicionais, que constroem a imagem de seus principais líderes. Segundo Monedero, a ideia de disseminar a imagem de Iglesias em todos os dispositivos midiáticos fazia parte da estratégia de divulgar uma “cara” para as posições políticas à esquerda, com capacidade de romper a polarização entre o Partido Popular e o Partido Socialista Espanhol e apresentar-se como uma alternativa às políticas de desmanche social do neoliberalismo no país.

Outra estratégia midiática adotada pelo Podemos é o intenso uso dos sites de redes sociais para as suas atividades, com destaque para o Twitter e Facebook, caracterizando a centralidade da prática midiativista nos debates e na organização partidária. Em entrevista, Nacha Alba deixa claro a importância das redes para o exercício da política pelo partido:

Sempre que falo da construção do Podemos, desde o princípio defendo que as redes sociais foram condições essenciais na construção das redes. Se não existissem as redes não existiria Podemos. Gosto também de mostrar que as estatísticas do Facebook se vêm muito bem quando têm um pico de curtir no Facebook, que são momentos importantes na construção de Podemos.

O primeiro é a primeira coletiva de imprensa, depois vêm as primárias europeias, depois 25 de maio quando acontecem as eleições. Nesses momentos se vê claramente como as redes vêm acompanhando a história de Podemos. E usamos as redes para tudo porque, no princípio quando não tínhamos capacidade para influir nos meios, entrar nos meios, podíamos nos comunicar através das redes.

Nos financiamos através das redes, as prévias foram realizadas através das redes, ou seja, as redes têm sido indispensáveis para a estratégia do Podemos (NACHA, 2015 – tradução nossa).

Em agosto de 2015, a página do Podemos no Facebook contava com 978.046 seguidores e aproximadamente 150.000 internautas que fazem alguma menção às atividades do Partido. Entre as principais atividades articuladas na página, identificamos a convocatória dos atos de campanha no processo eleitoral, petição para arrecadação de verbas também para a campanha eleitoral a partir da prática de crowdfunding ou venda de merchandising, divulgação de artigos da grande imprensa que fazem algum tipo de menção ao partido, além da divulgação da presença de Pablo Iglesias e de outros candidatos em programas televisivos.

Temos formas diferentes de financiamento. Crowding founding, colaborações econômicas que são mensais, e nas campanhas eleitorais são os microcréditos, que no lugar de pedir dinheiro a um banco, pedimos às pessoas. São créditos pequenos, de 50 a 500 euros. As pessoas emprestam esse dinheiro e depois o devolvemos.(...)

Pensamos que no lugar de pegar um dinheiro público e depois devolvê-lo a um banco, emprestamos dinheiro público e depois devolvemos para as pessoas. E foi muito bonito, muitas pessoas se animaram e contribuíram conosco. Foi muito bonito (NACHA, 2015).

Ao contrário dos partidos tradicionais, cujas equipes de rede são compostas por especialistas do marketing político, a equipe de rede do Podemos é constituída por usuários comuns, estudiosos da rede e ciberativistas dando um caráter mais realista (ou menos propagandista) as interações realizadas com os cidadãos.

Todos os que estávamos na equipe da rede do Podemos não éramos especialistas, estudiosos de redes. Éramos usuários de redes, o uso que tínhamos era de usuários individuais, diferente do uso dos

partidos tradicionais. Os partidos tradicionais usam as redes como um megafone onde contam o que fizeram e não interagem. Nós usamos as redes de forma natural desde que éramos pequenos para poder interagir com as redes e acredito que nossa rede se distinguiu por isso, porque fazíamos um uso mais natural delas. Passamos de usuários individuais para usuários cidadãos. Quando as pessoas publicam as notícias lemos todos os comentários, vemos o que as pessoas estão opinando sobre essa notícia, vemos os tipos de notícias que querem mais ou que querem menos. Vemos as opiniões sobre os temas, além de tirar dúvidas, responder perguntas. Há uma relação bilateral e não unilateral e de comunicação constante com todo mundo (NACHA, 2015).

A capacidade comunicativa dos integrantes do Podemos é recebida dentro dos espaços de diálogo político e se apresenta como uma espécie de oásis no cenário espanhol, verificado nos índices diários de audiência e na repercussão nos círculos de ativistas políticos, que receberam a proposta do Podemos como alternativa às forças políticas tradicionais existentes no país.

Na página web do Podemos vemos a seguinte definição das diretrizes adotadas:

La Iniciativa Podemos ha conectado con una parte de la voluntad de cambio político generalizada, al suscitar importantes expectativas e ilusiones y cristalizar en cientos de Círculos Podemos. Estos círculos no tienen que sustituir al tejido asociativo y ciudadano existente en cada lugar. Tienen que ser permanentemente lugares de bienvenida, de suma y de extensión. Para conseguirlo debemos dejar a un lado las distinciones: todas y todos somos necesarios. Podemos. Los Círculos Podemos están más allá de las siglas. Son espacios para terminar con el miedo, la fragmentación y la resignación, para construir la unidad popular y ciudadana, contra el empobrecimiento y el secuestro de la democracia. Desde los Círculos defendemos cuestiones de sentido común: somos ciudadanos y tenemos derecho a tener derechos; a vivir sin miedo; a la sanidad, la educación, la jubilación y la protección social; a la tierra y el territorio; al empleo; a la cultura; a desarrollarnos como personas y como pueblos; a que no nos mientan; a que no nos maltraten; a que no nos carguen con sus deudas; a que no nos roben(...).Cada círculo es un espacio de participación en el que la sociedad redacta y defiende un programa para hacer frente a la coyuntura de emergencia que viven los pueblos del sur de Europa<sup>6</sup>.

Notamos que a experiência de se fazer política nas redes parece estabelecer uma relação dialética com as novas formas de organização encontradas pelo partido, de modo que, conforme já exposto, suas estruturas organizativas se caracterizam igualmente pela descentralização e horizontalidade nos processos decisórios. São exemplos disso órgãos do partido como a Assembleia Cidadã e o Conselho Cidadão.

---

<sup>6</sup> Cf. <http://podemos.info/circuitos>

Assembleia Cidadã é um espaço onde os cidadãos inscritos no Podemos tomam grandes decisões via participação direta referentes à organização, como programa, estratégia política, eleições para cargos internos, primárias, etc). Nela, todos têm o mesmo direito à voz e voto.

Conselho Cidadão é o colegiado que executa as decisões tomadas pela Assembleia Cidadã e presta contas a essa e aos círculos por meio de mecanismos de participação direta. Sua composição se dá da mesma forma. O Conselho Cidadão possui a imagem de todos os integrantes da organização e também o número de votos obtiveram para o preenchimento dos cargos. Entre os dias 10 e 14 de novembro, 107.488 pessoas votaram para a composição do Conselho.

Observamos também que as práticas políticas do Podemos, além de contribuírem para a expansão dos espaços de debates e da amplificação das mensagens do movimento-partido, impulsionam a transformação da arena política e, nesse sentido, o espaço público passa a ser ocupado, mas com os valores próprios da política em rede, que nos leva à ampliação de formas cooperativas fundamentais para o desenvolvimento da cultura da colaboração ou do que Michael Hardt e Antonio Negri afirmam ser a produção do comum.

El común son también y con mayor motivo los resultados de la producción social que son necesarios para la interacción social y la producción ulterior, tales como saberes, lenguajes, códigos, información, afectos, etc. (NEGRI, 2011, p. 10).

A expansão da política para as redes e o seu retorno às ruas desencadeia a ampliação de interlocutores na arena política, propiciando as manifestações de diversos sujeitos sociais e qualificando-os na arena de debates dentro e fora da rede, on line e off line.

Para Manuel Castells, as práticas sociais e políticas da rede, cada vez mais, misturam-se e manifestam-se no espaço urbano, gerando o que o autor denomina espaço da autonomia. Aqui é possível, aproximar o pensamento de Manuel Castells ao de Michael Hardt e Antonio Negri, que embora partam de perspectivas analíticas distintas, abordam a política em rede e na rede, como potencializadora do desenvolvimento de novas práticas coletivas. Para Manuel Castells a rede possibilita o desenvolvimento do companheirismo e para

Michael Hardt e Antonio Negri, os fluxos comunicacionais favorecem o desenvolvimento de modos de vida cooperativos, baseados nas dinâmicas centradas no que denominam por comum. Nesse sentido, não substituem a co-presença nos espaços físicos, portanto

os acampamentos e as ocupações de 2011 redescobriram essa verdade da comunicação. O Facebook, o Twitter, a Internet e outros mecanismos de comunicação são úteis, mas nada consegue substituir o estar juntos dos corpos e a comunicação corpórea, que é a base da inteligência e da ação política coletiva. Em todas as ocupações nos Estados Unidos e ao redor do mundo, do Rio de Janeiro a Liubliana, de Oakland a Amsterdã, mesmo nos casos em que elas duraram pouco tempo, os participantes vivenciaram o poder de estar juntos(...)Uma ocupação é uma espécie de happening, ou seja, uma performance que gera afetos políticos(HARDT; NEGRI, 2014: 31-32).

### **Lideranças políticas: conceito em transformação**

Para todos os entrevistados, a experiência vivida nas mobilizações do 15M foi fundamental para manifestar o descrédito nas lideranças políticas e nos partidos tradicionais (de direita, centro ou esquerda) e para explicitar a impossibilidade de uma sociedade verdadeiramente democrática no atual sistema representativo.

A questão da liderança política é vista como um processo natural da organização política, embora realizem críticas contundentes à forma como as lideranças políticas tradicionais atuam, de forma desconectada do sentimento geral da população.

Nas entrevistas pudemos perceber que a crítica central do 15M, expressa na palavra de ordem “não nos representam”, não se tratava exatamente de repudiar qualquer forma de representação e de liderança política, mas principalmente de pensar como era possível o exercício da política de forma mais horizontalizada, mais participativa, o que não exclui a necessidade de ter porta-vozes que atuam na dinâmica cotidiana da política.

Indo de encontro ao dito por Hardt e Negri (2014) de que projetos políticos eficazes não precisam estar aferrados a líderes e estruturas centralizadas, mas que lideranças podem vir de projetos voltados para o consenso e para o encaminhamento de questões e que “[...] as assembleias

compartilham a intenção de interromper as tendências arraigadas de centralizar o poder num pequeno grupo de líderes” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 121).

No mesmo sentido da instrumentalização do partido político, a questão das lideranças é assim vista por Monero:

Quando nasceu Podemos, colocamos como principal tarefa utilizar nossas lideranças para enquadrar as pessoas. Lideranças que façam as lideranças necessárias. Dar ferramentas para a cidadania para que deixe de delegar a política. O coração da análise de Podemos é que nos acontece é porque delegamos a política. E nessa delegação nos converteram em reféns da partidocracia que ao mesmo tempo é refém do sistema financeiro e, portanto, nada servia.

Tínhamos que nos organizar horizontalmente nos círculos e os círculos têm que ser espaços de reflexão e também para entrar em contato com o território. Portanto tínhamos uma dupla tensão: um aparato eleitoral procedente da democracia representativa, dentro do Estado representativo que garantia musculatura forte de uma ação política e um espaço experimental, horizontal, deliberativo, assembleário que politizasse e cartografasse as possibilidades de construção da alternativa. Em um lugar se experimenta e no outro garante que o experimento não fracasse (MONEDERO, 2015).

Retomando a ideia do “ecossistema participativo complexo” do Podemos que busca articular os mecanismos institucionais centralizadores a uma participação horizontal, nos parece bastante significativo o papel da liderança política nesse contexto, especialmente na efetivação do experimento gerado nos espaços deliberativos e horizontais para os espaços institucionais tradicionais.

Na mesma perspectiva temos o depoimento de Errejon:

Assim que temos lideranças que se construíram como uma parte dos opinadores do bloco dominante na televisão, na confrontação na televisão, que foram capazes de abrir espaço e algumas pessoas diziam que colocávamos em palavras o que elas já pensavam. Portanto, a alguns servimos como que instrumentos para concretizar um discurso contundente atrativo e com capacidade de síntese o que era um ânimo generalizado (...).

O papel das lideranças depende da capacidade da sociedade civil organizada de pressionar, avançar demandas, exigir prestação de contas. Quando a sociedade civil tem a capacidade para empurrar e acompanhar, se vê, claramente a relação de tu a tu, digamos de diálogo. Quando a sociedade civil, se retira ou está esperando, tem vezes que os porta-vozes ou lideranças combatem sozinhos com uma parte da população de espectadores. Isso não é algo que nos agrada, também porque se não existe uma mobilização, uma tensão popular que nos acompanhe é muito difícil sustentar a luta, mas somos conscientes que os aparelhos intelectuais e coletivos que criam opinião e que trabalham para desgastá-los, trabalham todos os dias, enquanto a tensão popular não está todos os dias, não existe todos os dias, não existem organizações ou campanhas que

mantenham essa tensão todos os dias, desse modo é possível dizer que é um problema de fluxos e refluxos. Às vezes tem a sociedade que empurra e acompanha e outras vezes essa sociedade volta ao trabalho, volta à normalidade, à rotina e o que fica é uma competição entre os porta-vozes da mudança, boa parte dos formadores de opinião, porta-vozes e atores políticos que querem defender a velha ordem (ERREJON).

Assim, Errejon compreende as lideranças políticas em relação à sociedade civil, ou seja, as características de sua atuação dialógicas dependeriam do fortalecimento desta última, contudo, diz Errejon, mesmo que isso aconteça a mobilização contínua voltada para a mudança é rarefeita pela rotina, pelo cotidiano da vida do trabalho. Não só por ela, mas, sobretudo pelo uso constante dos aparelhos privados de hegemonia que na concepção gramsciana disseminam formas simbólicas na articulação entre sociedade civil e sociedade política (COUTINHO, 2012).

Nesse sentido, as declarações dos entrevistados não descartam a necessidade de lideranças políticas, mesmo que essa tenha sido uma das críticas mais frequentes nas mobilizações de 2011 na Espanha, mas antes compreendem o partido como instrumento e seus líderes como porta-vozes de uma indignação social que se fez indignação política e que precisa ser operacionalizada.

Em entrevista a Pablo Iglesias, para o programa La Tuerka, Antonio Negri comenta a questão da liderança:

O problema da liderança é um problema que nasce naturalmente e necessariamente dentro de uma sociedade em que o poder midiático é central. O problema é que esta liderança deve estar submetida a contrapoderes que sejam definidos constitucionalmente. Sou um institucionalista forte. Não acredito que as lutas podem avançar sozinhas. Não acredito que os movimentos possam se sustentar simplesmente sobre a base do entusiasmo. Entusiasmo e liderança se parecem muito. Temos que encontrar uma fórmula multitudinária na qual o Estado, que é o UNO siga um Estado Multitudinário. É preciso seguir fórmulas de contrapoder inseridas no nível constitucional (...). Evidentemente se aceita um líder num momento de mobilização e quando isso está garantido por um projeto, um projeto de liberação de todas as energias sociais (...). O problema hoje é que não temos mais líderes como Martin Luther King ou Malcolm X, temos lideranças eleitorais ligadas aos instrumentos da comunicação (...). O problema da liderança se converte em algo extremamente difícil. A liderança tem que estar verdadeiramente enraizada de maneira mais forte no movimento (NEGRI NA TUERKA, 38').

Ainda sob a chave interpretativa gramsciana, cabe-nos destacar que a liderança descrita e objetivada pelos integrantes do Podemos não se limita às suas qualidades individuais – tal como o líder carismático weberiano e o *condottiero* de Maquiavel – mas diz sobre um ator orgânico capaz de instrumentalizar sua ação em prol de uma verdadeira transformação social.

Assim, esse ator, ou intelectual orgânico não seria apenas uma pessoa singular, mas desempenharia sua função em um organismo social complexo que Gramsci entende como sendo o partido político (GRAMSCI, 1968). O intelectual orgânico seria o principal articulador da relação entre a ideologia e a ação, sendo este engendrado no seio de seu próprio grupo social por fazer “coincidir a cultura com a função prática” (COUTINHO, 1999, p. 26), por conseguinte, a batalha das ideias passaria a assumir uma importância crucial na luta pela hegemonia e na configuração de sua prática política.

Gramsci (1968) se refere, portanto, a um partido político clássico que se faz como vanguarda capacitada a orientar a direção político-cultural da sociedade em transformação. Contudo, guardadas as devidas semelhanças na disputa pela hegemonia e na natureza da liderança, entendemos que o Podemos não se coloca como elevação de uma parte da classe operária (ou da classe dominada), mas como um partido-movimento que sinteticamente pode ser visto como uma inovação política (BOAVENTURA, 2015) capaz, pelas redes, de minorar o distanciamento entre democracia participativa e democracia representativa.

O funcionamento em rede sem um centro que concentre a capacidade de informar e de convocar possibilita a descentralização da política e estimula o redimensionamento do papel das lideranças políticas. Evidentemente, as redes sociais não encerram o papel das lideranças políticas, mas impõem às lideranças a necessidade de se pensar em novas práticas que convirjam com os anseios que hão de estruturar a chamada nova política.

A partir do estudo do Podemos, estamos buscando, ainda de forma provisória, o desenvolvimento de uma tipologia capaz de sintetizar as novas formas de exercício de liderança exercida nesses novos movimentos sociais que se organizam em rede (HARDT; NEGRI, 2001; CASTELLS, 2013), em:

i) Liderança em rede: possuidora de um potencial para conectar muitos nós (indivíduos, grupos) na rede. Baseada no debate do poder em rede e da política em rede, desenvolvidas por Manuel Castells.

Significa dizer que a liderança em rede possui características da ação política contemporânea, questionadora da centralização política e da personalização, próprias das estruturas políticas tradicionais. É o que os entrevistados de Podemos definem como porta-vozes, entendendo, o porta-voz como aquele que expressa a discussão produzida pelas redes e pelos círculos.

Não existe uma liderança que se construa sem escutar ou sem um diálogo permanente que demanda um setor amplo da população. Porque se deixa de representar essa demanda, deixa de liderar, deixa de ter capacidade de influência e de convencimento, de articular espaços mais amplos. Nesse caso tem lideranças que são como pássaros voam em nuvem e tem um primeiro passo que abre caminho, mas que, às vezes, se desgasta e quando se desgasta se incorpora à nuvem e é substituído por outro e para que o substitua outra é importante que exista a capacidade de formação de quadros e de lideranças e isso não se improvisa.

Na verdade o combate institucional e midiático tem regras que obrigam a personalizar. Nós temos que resistir a essa tentativa de hiper-personalização, mas ao mesmo tempo temos que formar os companheiros com a capacidade de desempenhar essa tarefa (ERREJON, 2015)

A questão da hiper-personalização é interessante para refletir sobre a forma como os meios de comunicação massivos operam no sentido de criar líderes hiper-personalizados, mas com baixa capacidade de articulação política com os setores da população e, nesse sentido, distanciam-se, cada vez mais, dos representados das forças políticas que deveriam representar. Talvez seja por esse motivo que ao falarmos da crise da democracia representativa, identificamos a ausência de lideranças políticas que consigam articular novamente a democracia de público ao dinamismo do partido-movimento e, por isso, o Podemos pode ser visto como uma inovação nas práticas políticas contemporâneas.

ii) Protagonismo na rede: caracterizada pela efemeridade do destaque em uma grupo ou movimento social, pode atuar em um determinado momento como uma liderança aglutinadora de ideias e ações, mas em outros não, a depender da conjuntura e das estratégias

estabelecidas. O protagonista se diferencia da liderança em rede, à medida que ele não atua como porta-voz dos setores sociais, mas exerce uma atividade fundamental na organização, articulação e mobilização usando as redes digitais e, principalmente, mantendo uma presença constante nos debates off-line. No Brasil, essa é uma das características do MPL(Movimento Passe Livre), trata-se de um movimento protagonista da discussão e mobilização em torno da mobilidade urbana, com iniciativas realizadas no online e, ao mesmo tempo, apropriando-se das mídias digitais como instrumento de expansão do debate político realizado no offline Trata-se do prestígio adquirido pela inserção social ou política e é mais duradouro que o verificado entre os protagonistas, cuja efemeridade é característica central.

iii) Autoridade de rede: trata-se de um tipo de ator cuja popularidade ou prestígio adquirido na rede o coloca num lugar de destaque dentro de um determinado debate social ou político, ao ponto de se tornar uma referência para outros nós da rede.

A visibilidade é característica essencial e associada a uma dada forma de prestígio e é capaz de impulsionar o ator numa posição de relevância na rede.

A visibilidade é constituída enquanto um valor porque proporciona que os nós sejam mais visíveis na rede. Com isso, um determinado nó pode ampliar os valores que são obtidos – através dessas conexões, tais como o suporte social e as informações (RECUERO, 2009, 108).

Observamos que esses nós podem exercer papel relevante e serem capazes não somente de influenciar um debate, mas também de catalisar a ação política de outros nós dentro da rede e se constituírem como referência fundamental para a ação política.

### **Considerações finais**

A proposta desse artigo foi compreender a relação entre as tecnologias digitais e as experiências contemporâneas de mobilização social a partir do estudo do caso do partido-movimento Podemos.

No atual contexto histórico-político de crise econômica (especialmente quando falamos dos países em desenvolvimento), a tensa relação entre representante e representados associada as novas possibilidades de organização e participação propiciadas pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação, condicionaram nos movimentos sociais críticos as imposições do capital financeiro a emergência de novas práticas políticas que propõem a ampliação do debate político por meio da incorporação de novos participantes nos processos decisórios e o estabelecimento de organizações mais horizontais a despeito da verticalidade característica dos sistemas representativos em voga.

Elementos estruturantes da comunicação em rede como a isegoria e a multidirecionalidade viabilizam a criação de ferramentas que democratizam o debate político e inspiram o exercício de novas formas de organização e participação política baseadas nos princípios da horizontalidade e descentralização do poder, colocando em xeque as instituições e lideranças tradicionais. Do mesmo modo, a crítica à representação e às políticas neoliberais, faz com que os movimentos, reivindicantes e proponentes de práticas políticas mais horizontais, observem potencialidades democráticas na rede e se apropriem dela para exercê-las. Portanto, entendemos que se estabelece uma relação dialética entre a arquitetura da rede e as práticas políticas do partido-movimento Podemos, que configura o processo de transformação da política e propicia a emergência de novos estilos de liderança política.

A partir das interpretações teóricas do fenômeno político atual e de nossa pesquisa empírica, sugerimos que o exercício da liderança típico do intelectual orgânico, desencadeia a criação de espaços de autonomia e a produção do comum, dando origem a novos tipos de líderes, que almejam, entre outras coisas, a elaboração de uma política que combine democracia representativa com democracia participativa.

## Referências bibliográficas

BRINGEL; ECHART, 2010. **Dez anos de Seattle**. O movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 46, N. 1, p. 28-36, jan/abr 2010.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOMSKI, Noam. **Occupy**. London: Peaguin Group, Pearson, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel**. A política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidões**: guerra e democracia na era do Império. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Commonwealth** – El proyecto de una revolución del común. Madrid: Akal, 2011.

\_\_\_\_\_. **Declaração**. Isto não é um manifesto. São Paulo: n-1 edições, 2014.

NEGRI, Antonio, **A anomalia selvagem, poder e potência política em Spinoza**. Rio de Janeiro: 34, 1993

RAMOS PÉREZ, A. (2015). **Apuntes sobre innovaciones representativas y participativas en Podemos**. Revista Teknokultura, Vol. 12(1), 169-176.

RECUERO, Raquel, **Redes sociais na internet**, Porto Alegre: Sulinas, 2009